

Heterogeneidade dos acervos da Fundação Casa de Rui Barbosa: um desafio na estruturação da arquitetura da informação para o Repositório Rui Barbosa de Informações Culturais (RUBI)

Ana Ligia Medeiros

Fundação Casa de Rui Barbosa

analigiabb@gmail.com

Luziana Jordão Lessa Trézze

Fundação Casa de Rui Barbosa

luzianaj@yahoo.com.br

Andréa Carvalho de Oliveira

Fundação Casa de Rui Barbosa

andreacoliveira@hotmail.com

Elisete de Souza Melo

Fundação Casa de Rui Barbosa

elisetemel@hotmail.com

Tiago Leite Pinto

Fundação Casa de Rui Barbosa

tiago.unirio@gmail.com

Resumo

A Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), que mantém uma diversidade cultural em seus acervos, apresenta a experiência no desafio da estruturação da arquitetura da informação no Repositório Rui Barbosa de Informações culturais (RUBI). Lançado, em julho de 2016, o RUBI tem crescente acesso no âmbito nacional e internacional. A plataforma escolhida para implantação do RUBI é o DSpace, software criado pelo *Massachusetts Institute of Technology* (MIT) e pelo Laboratórios *Hewlett-Packard Company*. Dentro da FCRB o RUBI se mostra consolidado e com adesão, pois disponibiliza os acervos memoriais arquivísticos, bibliográficos e museológicos, bem como a produção intelectual técnico-científica da Fundação. A pesquisa tem por

objetivo apresentar a experiência no desafio da estruturação da arquitetura da informação no RUBI de seus acervos heterogêneos.

Palavras-chave: Fundação Casa de Rui Barbosa, Repositório Rui Barbosa de Informações Culturais, RUBI, Repositório digital

Heterogeneity of the collections of the Fundação Casa de Rui Barbosa: a challenge in structuring the information architecture for the Rui Barbosa Repository of Cultural Information (RUBI)

Abstract

The Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), which maintains a cultural diversity in its collections, presents the experience in the challenge of structuring the information architecture in the Repositório Rui Barbosa de Informações culturais (RUBI). Launched in July 2016, RUBI has increased access nationally and internationally. Within the FCRB, RUBI is consolidated and with membership, as it provides archival, bibliographical and museological collections, as well as the technical-scientific intellectual production of the Foundation.

Key-words: Fundação Casa de Rui Barbosa, Repositório Rui Barbosa de Informações Culturais, RUBI, Digital Repository

Introdução

A Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB) é uma instituição pública federal, vinculada ao Ministério da Cultura (MinC), que tem por missão promover a preservação em memória, da produção literária, intelectual e humanística, bem como congregar iniciativas de reflexão e debate acerca da cultura brasileira (FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA, [1999?]). Fundada em 1923, apenas como museu, hoje sua estrutura contempla uma Coordenação-geral de Planejamento e Administração (CGPA), Centro de Pesquisa (CP) e Centro de Memória e Informação (CMI). Este tem sob a sua custódia um conjunto de acervos heterogêneos, alguns desses itens já disponíveis em formato digital.

A FCRB com o objetivo de possibilitar, de forma integrada, a gestão, visualização e divulgação dos acervos arquivísticos, bibliográficos e museológicos, bem como a produção intelectual técnico-científica investiu na implantação do Repositório Rui Barbosa de Informações Culturais (RUBI). Uma inovação na prestação de serviços de informação e divulgação de seus acervos, oferecidos pela FCRB num único meio digital.

A plataforma escolhida para implantação do RUBI é o DSpace, software criado pelo *Massachusetts Institute of Technology* (MIT) e pelo Laboratórios *Hewlett-Packard Company*.

O DSpace dispõe de um conjunto metadados no formato *Dublin Core* (DC) para descrever os itens das coleções cadastradas, que conta com quinze elementos padrão para representar uma variedade de recursos e permite a inclusão de elementos adicionais para

atender às particularidades. Desse modo, essa plataforma possibilita a customização dos metadados, portanto eles podem ser criados ou adaptados de acordo com as características de cada objeto digital. Verifica-se a existência de inúmeras representações gráficas de metadados. Uma aplicação específica dirigida para cada tipo de documento a ser catalogado de acordo com a comunidade.

A pesquisa tem por objetivo apresentar a experiência no desafio da estruturação da arquitetura da informação no RUBI de seus acervos heterogêneos.

A presente pesquisa é classificada, do ponto de vista da sua natureza, como aplicada, uma vez que tem como intuito gerar conhecimentos para aplicação prática. Abordagem qualitativa, pois investiga um fenômeno mediante a observação e estudo (KIRK; MILLER, 1986 apud GUILHOTO, 2002) e objetivo exploratório.

Arquitetura da Informação

De modo a espelhar as comunidades e os acervos existente na FCRB, a Arquitetura da Informação concentrou-se esforços para o desenvolvimento da estrutura do RUBI nas atividades de navegação, organização, representação, busca e categorização da informação digital. Assim, foi necessário buscar o conceito de Arquitetura da Informação.

Segundo Wurman (1997), o termo Arquitetura da Informação é definido como: “arte e ciência de estruturar e organizar sistemas de informações para auxiliar as pessoas a alcançarem seus objetivos.” Contudo, ao longo do tempo surgem outras definições complementares. De acordo Morville e Rosenfeld em entrevista a Tristão (2002) por ocasião do lançamento da 2ª. edição do livro “*Information Architecture for the World Wide Web*” a definição de arquitetura da informação aquela época estava em desenvolvimento, segundo os autores tinha muito que “aprender e crescer”, dessa forma apresentaram quatro definições:

1. Combinação entre esquemas de organização, nomeação e navegação dentro de um sistema de informação.
2. Design estrutural de um espaço de informação a fim de facilitar a realização de tarefas (*tasks*) e o acesso intuitivo a conteúdos.
3. É a arte e a ciência de estruturar e classificar *websites* e intranets a fim de ajudar as pessoas a encontrar e a gerenciar informação.
4. É uma disciplina emergente e uma comunidade de prática (*community of practice*), focada em trazer para o contexto digital os princípios de design e arquitetura. (Tristão, 2002, p-1-2).»

Bailey (2003) complementa que Arquitetura da Informação é a ciência e a arte de estruturar e organizar sistemas de informação de forma a auxiliar os usuários a alcançarem suas metas. Logo, identifica três classes de definições para os termos, como: Arquitetura de Conteúdos – as relacionadas à organização de conteúdos da Informação; Design Interativo – a modelagem das interfaces de acesso à informação; Design da Informação – o projeto de um modelo de representação da realidade.

Dessa forma, a definição de Bailey sobre Arquitetura da Informação menciona ‘organizar sistemas de informação’ o que concorre para a divisão dos sistemas elencadas por Morville e Rosenfeld (2006). Na visão de Morville e Rosenfeld (2006, p. 49), Arquitetura da Informação, divide-se nos seguintes componentes: Sistema de Organização – define o agrupamento e a categorização de todo o conteúdo informacional; Sistema de Navegação – especifica as maneiras de navegar; de se mover pelo espaço informacional; Sistema de Rotulação – estabelece as formas de representação e da apresentação da informação, definindo signos para cada elemento informativo; Sistema de Busca – determina as perguntas que o usuário pode fazer e o conjunto de respostas que irá obter.

Outra descrição que contribui para a definição de Arquitetura da Informação são a dos autores VIDOTTI, CUSIN e CORRADI (2008, p.182), que compreendem a Arquitetura da Informação como é um campo do conhecimento que:

«enfoca a organização de conteúdos informacionais e as formas de armazenamento e preservação (sistemas de organização), representação, descrição e classificação (sistema de rotulagem, metadados, tesouro e vocabulário controlado), recuperação (sistema de busca), objetivando a criação de um sistema de interação (sistema de navegação) no qual o usuário deve interagir facilmente (usabilidade) com autonomia no acesso e uso do conteúdo (acessibilidade) no ambiente hipermídia informacional digital». (VIDOTTI; CUSIN; CORRADI, 2008, p. 182).

Nesse contexto, a estrutura de organização do conhecimento em site, repositório ou qualquer meio de disseminação da informação na internet requer um estudo que envolve equipe multidisciplinar de profissionais da informação. Para oferecer um repositório que atendesse as necessidades dos usuários da FCRB, a diversidade de acervos que a instituição abriga, além da questão da autorização de disponibilização, de acordo com os direitos autorais, buscou-se responder algumas perguntas específicas sobre as necessidades dos usuários, conforme as elencadas por Lara Filho (2003)

«O que um usuário busca num site como este? Quais são os seus reais interesses? Como o usuário procuraria um determinado assunto? Qual o nível de profundidade é interessante sem que se torne excessivo? Seria interessante criar "camadas" ou níveis de informação, das mais simples às mais complexas?» (Lara Filho, 2003)

No tocante aos questionamentos sobre o que o repositório da instituição deveria disponibilizar utilizou-se como questões norteadoras alguns dos apontamentos de Lara Filho (2003), tais como: “A instituição tem uma proposta clara para sua entrada na Internet? O que ela pretende? Que serviços ou facilidades irá dispor aos usuários? Quais outras informações e serviços a instituição poderia oferecer aos usuários?”

A iniciativa da FCRB em democratizar seu acervo no DSpace cria pontes para disseminação da informação em ambiente digital, fomenta a pesquisa e discussão entre pesquisadores das instituições acadêmicas e de pesquisas.

Repositórios digitais

A importância dos repositórios digitais é reconhecida no que tange a disseminação e recuperação da informação científica.

A gênese de repositórios digitais surge de forma global com a iniciativa de acesso aberto que originou-se com os conflitos referentes à indústria de publicação científica, acarretando transformações nos paradigmas da publicação científica. (Fachin et al, 2012).

Publicar um artigo científico inferia em alto valor financeiro para os os pesquisadores, pois as assinaturas de periódicos eram caras e, durante muitos anos, as publicações científicas foram monopólio da indústria editorial, dificultando o acesso às publicações mais recentes. Com o surgimento do movimento de acesso aberto, o acesso à informação e a criação de conhecimento são facilitados, em virtude disso surge, a ideia de repositórios. (Marcondes; Sayão, 2009).

A Declaração de Budapeste (BOAI) recomenda duas estratégias para atingir o acesso aberto à informação científica, o acesso aberto dourado referente “a produção e ampla disseminação de periódicos eletrônicos de acesso aberto na rede” (Jambeiro et al, 2012), portanto os editores dos periódicos fariam a disseminação da informação científica sem restrições de uso. (Leite, 2009, p. 14). E o acesso aberto verde que «[...] trata da criação de repositórios institucionais (RI), tendo por objetivo principal a organização e disseminação da produção científica das instituições de pesquisa». (Jambeiro et al, 2012, p.146).

Assim, são encontradas na literatura definições para repositórios que abordam o contexto de livre acesso à publicação científica, sua preservação e disseminação.

Segundo Weitzel (2006) os repositórios são arquivos digitais, que reúnem a coleção digital de determinada instituição.

Para Camargo e Vidotti (2009) os repositórios corroboram para diminuir o custo ao acesso e a publicação da informação científica, o que possibilita a ampla disseminação da informação, e definem os repositórios como

«[...] locais de armazenamento de coleções digitais de uma determinada instituição ou comunidade e utilizam sistemas de informação que possibilitam funções como: criação de comunidades e de coleções, cadastro de usuários, gerenciamento de políticas de conteúdos e autoarquivamento de documentos. (Camargo; Vidotti, 2009, p.55).”

Há pesquisadores que acrescentam às definições o aspecto de preservação, pois para estes estudiosos “os repositórios, além de gerenciar os documentos digitais, possuem facilidades relacionadas à preservação destes e são sistemas flexíveis que podem se adequar a várias finalidades”. (Shintaku; Meirelles, 2010).

De acordo com a literatura os repositórios mais adotados são de duas natureza, os institucionais e os temáticos. Os repositórios temáticos são aqueles direcionados a comunidades específicas, tratam de uma área do conhecimento. Os repositórios que tem como objetivo reunir e disseminar a produção intelectual de uma instituição e dos autores ligados a ela são os repositórios institucionais (Costa; Leite, 2009; Shintaku; Meirelles, 2010).

A FCRB ao aderir ao movimento de acesso aberto dispõe do RUBI, seu repositório institucional, que abrange sua produção intelectual, enquanto instituição de pesquisa, e seu acervo memorial, enquanto local de memória.

Repositório Rui Barbosa de Informações Culturais (RUBI)

Lançado em 2016 o RUBI tem por objetivo possibilitar, de forma integrada, a gestão, visualização e divulgação dos acervos arquivísticos, bibliográficos e museológicos, bem como a produção intelectual técnico-científica da FCRB, reunindo-as num único meio digital. Uma inovação na prestação de serviços de informação e divulgação de seus acervos, oferecidos pela FCRB.

A arquitetura da informação está diretamente ligada aos fatores de uso dos ambientes informacionais, principalmente os digitais. Ela vai garantir que o usuário encontre, utilize e reutilize a informação de maneira rápida e com a maior usabilidade.

O RUBI está organizado em comunidades, subcomunidades e coleções, conforme a necessidade do nível de detalhamento exigido por cada um dos casos. As comunidades representam os acervos memoriais e áreas temáticas, bem como a estrutura organizacional da FCRB. Essa perspectiva exigiu um minucioso trabalho de diagnóstico e análise, visando à elaboração de uma arquitetura de informação que refletisse no RUBI a diversidade abrigada pela Fundação, conforme a Figura 1.

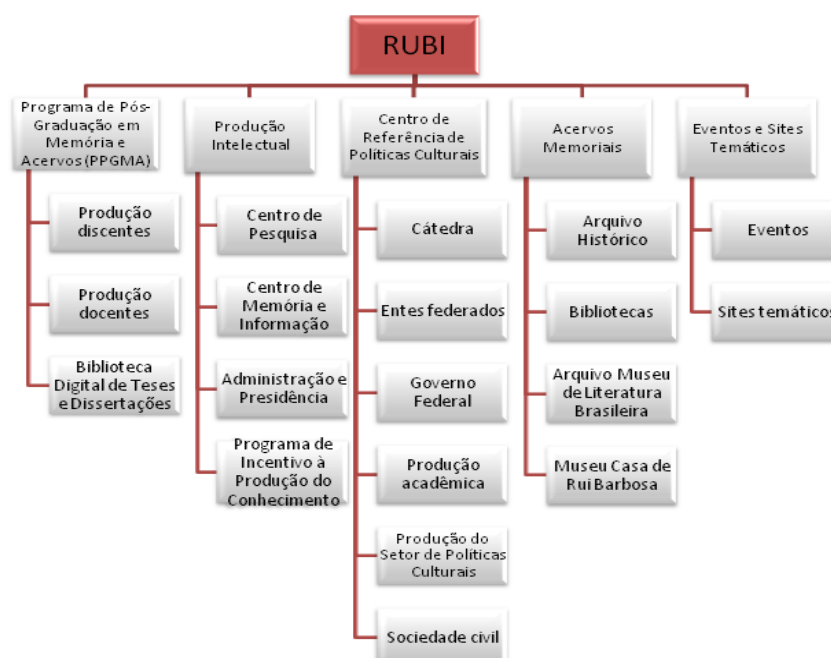


Figura 1: Arquitetura da informação do Repositório Rui Barbosa de Informações Culturais (RUBI)

Os diversos tipos de documentos estão divididos em coleções dentro das comunidades e subcomunidades. As tipologias de documentos disponíveis no RUBI são: Artigos de Periódicos; Capítulos de Livros; Convites virtuais; Dissertações; Documentos arquivísticos; Folhetos raros; Fotografias; Literatura de Cordel; Livros; Livros raros; Manuais e Procedimentos Técnicos; Obras completas de Rui Barbosa; Obras de Rui; Obras sobre Rui; Objetos de iluminação elétrica; Objetos museológicos; Processos; Relatórios técnicos e de Pesquisa; Seleta de recortes; Sites; Som e Vídeos; Teses; Trabalhos Apresentados em Eventos.

Ressalta-se as obras do patrono da FCRB e de algumas personalidades brasileiras que compõem o universo composto pelos acervos digitais disponibilizado no RUBI, as crônicas do Rubem Braga, os cordéis do Leandro Gomes de Barros, arquivos pessoais de Machado de Assis e José de Alencar, entre outras. Dessa forma, foi necessário desenvolver um conjunto de metadados que atendesse à coleção e à especificidade de cada área da instituição.

Essas diferenças impactam na seleção dos metadados, sendo que cada conjunto documental necessita de reflexão para se definir os campos a serem trabalhados. Para isso, foram utilizados os qualificadores, que têm a função de refinar ou tornar mais específico o recurso descrito, oferecendo maior otimização na recuperação da busca realizada.

Considerações finais

O CMI, da FCRB, vem desenvolvendo pesquisas e ações voltadas para implementar uma cultura digital junto aos pesquisadores da instituição.

A FCRB, de longa trajetória nos campos de pesquisa em ciências sociais, ciências sociais aplicadas e ciências humanas, compreende que devido à heterogeneidade dos acervos da Fundação é recomendável monitoramento e avaliação da arquitetura da informação para identificar problemas e soluções para remodelação do RUBI, levando em consideração a usabilidade e a recuperação da informação de forma ágil e precisa para o usuário.

Referências Bibliográficas

BAYLE, S. (2003) – *Information architecture: a brief introduction*. Disponível na internet: <<https://www.ia institute.org/sites/default/files/bailey-iaintro.pdf>>.

CAMARGO, L. S. A. de.; VIDOTTI, S. A. B. G. (2009) – Arquitetura da informação para repositórios digitais. In SAYÃO, L. F. et al (Org.). *Implantação e gestão de repositórios institucionais: políticas, memória, livre acesso e preservação*. Salvador: EDUFBA.

COSTA, S. M. de S.; LEITE, F. C. L. (2009) – Insumos conceituais e práticos para iniciativas de repositórios institucionais de acesso aberto à informação científica em bibliotecas de pesquisa. In SAYÃO, L. F. et al (Org.). *Implantação e gestão de repositórios institucionais: políticas, memória, livre acesso e preservação*. Salvador: EDUFBA.

FACHIN, G. R. B. et al. (2006) – Gestão do conhecimento e a visão cognitiva dos repositórios institucionais. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, Vol. 14, Nº 2, p. 220–236, maio/ago. [Consult. 03 set. 2018]. Disponível na internet: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000006565&dd1=f121c>>.

JAMBEIRO, O. et al. Comunicação científica: estudo de caso sobre uma política de acesso aberto para produção acadêmica. *Perspectivas em Gestão e Conhecimento*. Vol. 2, Nº 2. [Consult. 09 ago, 2018]. Disponível na internet: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/pgc/article/view/14362>>.

LARA FILHO, D. (2003) – O fio de ariadne e a arquitetura da informação na www. *DataGramaZero*, Vol. 4, Nº 6, p. A02–0. [Consult. 10 ago. 2018]. Disponível na internet: <<http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/7526>>.

LEITE, F. C. L. (2009) – *Como gerenciar e ampliar a visibilidade da informação científica brasileira: repositórios institucionais de acesso aberto*. Brasília, DF : Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia.

MARCONDES, C. H.; SAYÃO, L. F. (2009) – Softwares livres para repositórios institucionais: alguns subsídios para a seleção. In SAYÃO, Luis Fernando et al (Org.). *Implantação e gestão de repositórios institucionais: políticas, memória, livre acesso e preservação*. Salvador : EDUFBA. Disponível na internet: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ufba/473>>.

MORVILLE, P.; ROSENFELD, L. (2006) – *Information architecture for the world wide web*. 3ª ed. Sebastopol, CA: O'Reilly.

ROSA, F.; MEIRELLES, R. F.; PALACIOS, M. (2011) – Repositório institucional da Universidade Federal da Bahia: implantação e acompanhamento. *Informação e Sociedade: Estudos*. Vol. 21, Nº 1, p. 129–141. [Consult. 09 ago. 2018]. Disponível na internet: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000010202&dd1=9a7a8>>.

SHINTAKU, M.; MEIRELLES, R. (2010) – *Manual do DSpace: administração de repositórios*. Salvador : EDUFBA.

TRISTÃO, M. (2002) – *A arquitetura da informação segundo Lou e Peter*. Webinsider. Disponível na internet : <<https://pt.scribd.com/document/270135255/A-Arquitetura-de-Informacao-Segundo-Lou-e-Peter>>.

VIDOTTI, S. A. B. G.; CUSIN, C. A.; CORRADI, J. A. M. (2008) – Acessibilidade digital sob o prisma da Arquitetura da Informação. In GUIMARÃES, J. A. C.; FUJITA, M. S. L. *Ensino e pesquisa em Biblioteconomia no Brasil: a emergência de um novo olhar*. São Paulo : Cultura Acadêmica.

WEITZEL, S. da R. O papel dos repositórios institucionais e temáticos na estrutura da produção científica. *Em questão*. Vol. 12, Nº 1, p. 51–71. [Consult. 23 jul. 2018]. Disponível na internet: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000004195&dd1=c3950>>.

WURMAN, R. S. (1997) – *Information Architects*. 2ª ed. Lakewood : Watson-Guptill Pubns. 240 p.